

A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS DO TEXTO HUMORÍSTICO: UMA ABORDAGEM LINGÜÍSTICO-COGNITIVA

*Silvana Maria Calixto de Lima**

1. INTRODUÇÃO

A concepção de mente corpórea (*embodied*) vem sendo contemplada, direta ou indiretamente, em recentes trabalhos de pesquisadores das Ciências Cognitivas, dentre os quais destacamos Lakoff e Johnson (1980) e Fauconnier e Turner (2002). Tal concepção, cuja base cognitiva é experiencial, contrapõe-se à visão objetivista, que durante anos perdurou como paradigma central nos estudos da cognição, assumindo a razão como abstrata e não necessariamente corpórea. Assim, no estágio atual das pesquisas, os aspectos criativos da mente e do pensamento, dentre os quais se inclui a metáfora, vêm ganhando respaldo no campo de estudo da cognição, dentro do paradigma que convencionalmente passou a ser chamado de experiencialismo.

O presente trabalho, fundamentado nesta mais recente perspectiva dos estudos cognitivos, apresenta parte dos estudos desenvolvidos em Lima (2003), no qual tratamos do fenômeno da (re)categorização metafórica¹ no processo de *referenciação*², visto sob a ótica de gatilho para o humor na construção dos sentidos do texto humorístico e, ainda, em conformidade com a concepção interacionista da linguagem (Koch, 2002). Especificamente, abordaremos esse fenômeno a partir dos pressupostos fundados pelas teorias da metáfora conceitual e da mesclagem conceitual. Assim sendo, o nosso objetivo é fazer uma análise das ocorrências de (re)categorizações metafóricas, demonstrando de que forma se dá a construção do sentido de humor viabilizado por essas ocorrências. Para tanto, trabalhamos com um corpus constituído por 31 piadas, coletadas de livros e revistas específicas do gênero humorístico. Inicialmente, discorreremos sobre a metáfora conceitual e a mesclagem conceitual para, em seguida, procedermos à análise propriamente dita.

2. A METÁFORA CONCEITUAL

* Professora Assistente da Universidade Estadual do Piauí e da rede pública municipal de Teresina-PI.

¹ Aqui não abordaremos de forma mais detalhada o processo de (re)categorização metafórica, conforme procedemos em Lima (2003). No entanto, faz-se necessário compreender esse tópico para o desenvolvimento deste estudo. Assim sendo, concisamente, a (re)categorização metafórica pode ser definida como um dos tipos de recategorização lexical apresentados por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995). Os citados autores postulam que a recategorização lexical é o processo pelo qual os falantes designam os referentes, durante a construção do discurso, selecionando a expressão referencial mais adequada a seus propósitos. Dessa forma, o falante dispõe de uma série aberta de expressões para nomear um referente, mas estas expressões sofrem constantes reformulações, de acordo com as diferentes condições enunciativas.

² Termo criado por Mondada e Dubois (1995) para fazer menção à concepção de referência não-extensional por elas adotada. As autoras postulam que os sujeitos constroem versões públicas do mundo, através de práticas discursivas e cognitivas ancoradas social e culturalmente. Nessa perspectiva, os processos de categorização e de referenciação são considerados como processos dinâmicos, daí a existência da possibilidade real de recategorização.

Lakoff e Johnson lançaram, em 1980, a obra *Metaphors we live by*, erigindo muitos dos princípios e convenções da teoria hoje conhecida como metáfora conceitual. O lançamento dessa obra foi de grande importância por ter dado um novo impulso às pesquisas sobre metáfora, instigando uma revisão de dicotomias³ já consagradas pelo objetivismo.

Os princípios básicos da teoria da metáfora conceitual repousam na asserção de que o nosso sistema conceitual é, em grande parte, metaforicamente estruturado e definido, o que significa que a metáfora não é apenas uma instância da linguagem, conforme preconiza a teoria clássica. Dessa forma, a teoria da metáfora conceitual tem como princípio geral a questão de que as metáforas conceituais são fundamentadas em correlações que ocorrem dentro da experiência.

Lakoff (1993) aduz que os princípios gerais que regem as expressões poéticas metafóricas não estão na linguagem, mas no pensamento. Tais princípios podem ser definidos como mapeamentos gerais através de domínios conceituais, designados como domínio-alvo e domínio-fonte. Todavia, esses princípios, que dão conformação ao mapeamento conceitual, aplicam-se não somente a expressões poéticas, mas também à linguagem comum, usada no cotidiano, incluindo-se, nesse conjunto, entre outros, conceitos abstratos como “tempo”, “estado”, “mudança”, “causalidade” e “propósito”, que também podem ser usados metaforicamente. O autor argumenta, ainda, que *o lugar da metáfora não está na linguagem, mas na forma como conceituamos um domínio mental em termos de um outro* (Lakoff, 1993:203). Sob essa ótica, a metáfora exerce um papel central na definição dos sentidos da linguagem usada no dia-a-dia, sendo *o estudo da metáfora literária considerado como uma extensão do estudo da metáfora do cotidiano* (Lakoff, 1993:203).

No universo da metáfora conceitual, Grady (1997) trabalha com a hipótese de que, além das metáforas correlacionais, isto é, as que são geradas com base na co-ocorrência de domínios conceituais de níveis distintos (e.g., AMOR É UMA VIAGEM; TEMPO É DINHEIRO), há um outro tipo de metáfora, o qual ele designa como metáforas de semelhança. Tais metáforas distinguem-se das correlacionais pela característica de serem estruturadas por uma semelhança perceptível entre dois objetos. Essa similaridade origina-se do fato de que as ditas metáforas de semelhança são instâncias específicas de um conceito de mesmo nível genérico. Metáforas como, por exemplo, “Aquiles é um leão”, poderiam ser enquadradas nessa tipologia.

Para Grady (1997), a proposta da metáfora de semelhança não significa um alinhamento com a teoria da similaridade, ou seja, não implica, no caso do exemplo citado, o reconhecimento de qualquer semelhança literal entre os domínios leões e pessoas corajosas. O fato é que *a associação metafórica entre eles – envolvendo projeções em qualquer direção – é muito provavelmente baseada na percepção de aspectos comuns em seus comportamentos* (Grady, 1997:222). De forma mais objetiva, diz o autor que, se as metáforas correlacionais envolvem somente a co-ocorrência de domínios conceituais, e se é possível constatar a existência de metáforas que têm como base a percepção de traços compartilhados, como as do tipo “Aquiles é um leão”, há razão para se considerar esse tipo de metáfora (i.e., metáforas de semelhança) como distinto das metáforas correlacionais.

Esta argumentação de Grady (1997) em favor de uma classificação das metáforas conceituais em dois tipos distintos (i.e., correlacionais e de semelhanças) é, a nosso ver, convincente, uma vez que amplia o universo da teoria da metáfora conceitual, nos moldes concebidos por Lakoff e Johnson (1980), sem, no entanto, abrir mão dos princípios fundamentais defendidos pela teoria da metáfora conceitual, que contrariam, entre outros pontos, a similaridade objetiva, defendida pela visão tradicional de metáfora. Apesar de essa classificação ainda não estar fechada, julgamos que ela apresenta fundamentos suficientes que

³ À guisa de ilustração, podemos citar as dicotomias literal/metafórico e linguagem literária/linguagem cotidiana.

permitem dela fazer uso em nossa análise, no momento da identificação das (re)categorizações metafóricas nos textos humorísticos, objeto da investigação procedida neste estudo.

3. A MESCLAGEM CONCEITUAL

Fauconnier e Turner (2002:255) apresentam a teoria da mesclagem conceitual como *uma operação mental básica sobre espaços mentais*, os quais são definidos como *pequenos pacotes conceituais construídos à medida que nós pensamos e falamos, para efeito da compreensão e da ação locais* (Fauconnier e Turner, 2002:40). Tal teoria pode ser vista, basicamente, como um conjunto de processos criativos que se desenvolvem para a combinação de informações em redes de espaços mentais. Esses espaços, por sua vez, contêm informações ou elementos sobre um domínio particular e apresentam estrutura típica de *frames*⁴.

Em geral, o uso dos espaços mentais diz respeito à modelagem de mapeamentos dinâmicos incidentes no pensamento e na linguagem. Esses mapeamentos são constituídos por correspondências abstratas que se realizam entre elementos e relações em diferentes espaços mentais. Além disso, os espaços mentais *são interconectados, e podem ser modificados à medida que o pensamento e o discurso evoluem* (FAUCCONNIER e TURNER, 2002:40). Um outro ponto importante sobre os espaços mentais se refere ao fato de que eles podem ser construídos a partir de diversificadas fontes, entre elas, o conjunto de domínios conceituais com o qual operamos e a experiência imediata.

É pertinente, ainda, a questão de que os espaços mentais, apesar de construídos dinamicamente na memória de trabalho, podem também ficar estabelecidos na memória de longo prazo, sendo que os próprios *frames* constituem espaços mentais que podem ser ativados de forma repentina. Um exemplo de espaço mental radicado na memória de longo-prazo é Jesus na Cruz. É interessante notar que esse espaço mental evoca outros *frames*, como a crucificação romana, Jesus, o filho de Deus, Maria e as mulheres puras ao pé da cruz, entre outros. Tal ocorrência justifica-se pelo fato de que, tipicamente, um espaço mental radicado tem a ele vinculado outros espaços mentais que emergem com a sua ativação (FAUCCONNIER e TURNER, 2002).

Fauconnier e Turner têm utilizado diagramas (ver figura 1) para falar sobre espaços mentais e mesclagem conceitual.

⁴ Fauconnier e Turner (2002) definem os *frames* como conhecimentos esquemáticos, presentes na memória de longo prazo.

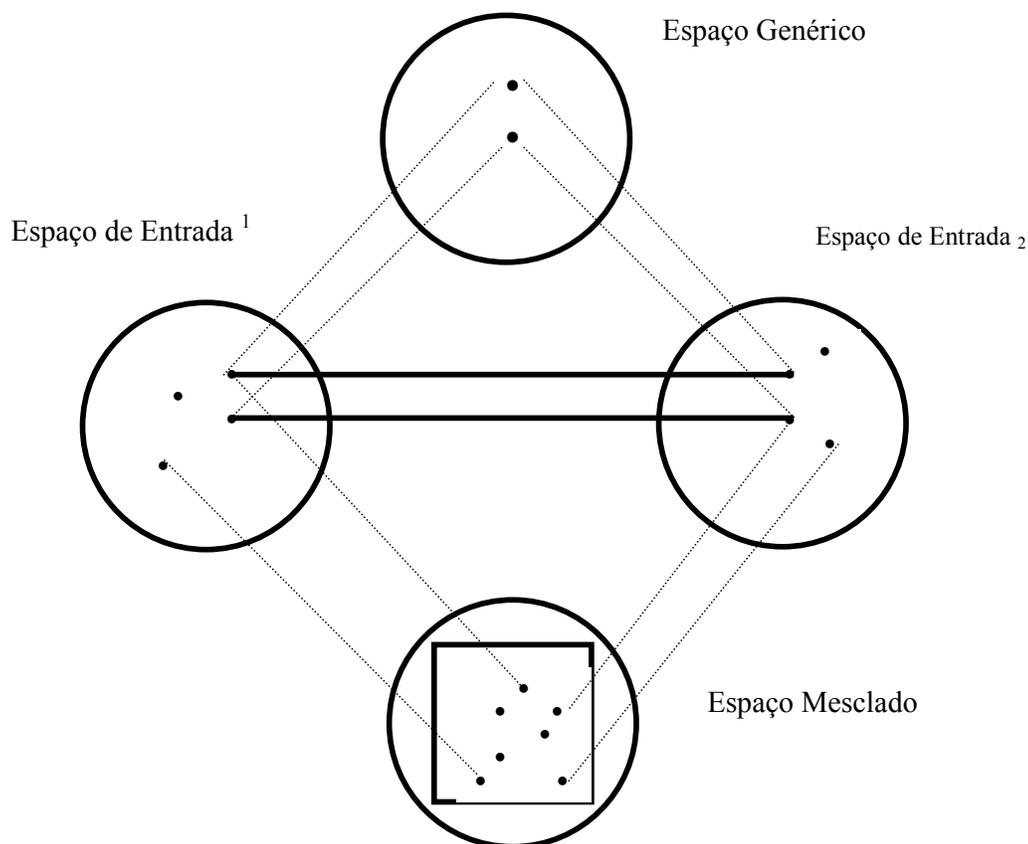


Figura 1: Diagrama Básico (Fauconnier e Turner, 2002:46)

Nesses diagramas, os círculos representam os espaços mentais, os pontos, dentro dos círculos, os elementos, e as linhas representam os mapeamentos entre os elementos nos distintos espaços. As linhas sólidas indicam o mapeamento entre os espaços de entrada, e as linhas pontilhadas os mapeamentos entre os espaços de entrada, o espaço genérico e o espaço mesclado, dos quais trataremos adiante. Os autores explicitam que, numa interpretação neural dos processos cognitivos em que se inserem os espaços mentais, estes são vistos como *conjuntos de organizações neuronais ativadas, e as linhas entre os elementos correspondem à co-ativação de ligações de um certo tipo* (FAUCONNIER e TURNER, 2002:40), chamando a atenção, ainda, para a conveniência de uma ilustração estática (diagrama) na explicação dos aspectos concernentes à teoria. No entanto, para eles, *um diagrama é realmente apenas uma fotografia de um complicado processo imaginativo que pode envolver desativação de conexões prévias, reconstrução de espaços prévios e outras ações* (FAUCONNIER e TURNER, 2002: 46).

Conforme se apresenta no diagrama (figura 1), a estrutura mínima do modelo da teoria da mesclagem conceitual apresenta quatro espaços mentais: dois espaços de entrada, o espaço genérico e o espaço mesclado. No modelo descrito, ocorre uma correspondência parcial entre

espaços de entrada, o que pode produzir conexões de contraparte de vários tipos, como conexões entre *frames*, conexões analógicas e conexões metafóricas, entre outras. As correspondências criadas entre dois espaços constituem o que Fauconnier e Turner (2002) designam como *mapeamentos interespaços*.

O espaço genérico contém as estruturas conceituais que os espaços de entrada têm em comum. Usualmente, esse espaço é construído no momento em que a estrutura compartilhada pelos espaços de entrada é capturada, fazendo este, por sua vez, o mapeamento para cada um dos espaços de entrada. Quando a estrutura dos espaços mentais de entrada é projetada seletivamente para um novo espaço, forma-se o espaço mesclado, o qual também mantém relações com o espaço genérico, uma vez que contém, além de outras estruturas específicas, a estrutura genérica proveniente desse espaço. É, na verdade, no espaço mesclado onde se processa a combinação e a interação dos elementos provenientes dos espaços de entrada.

A estrutura emergente, representada no diagrama pelo único quadrado, surge dentro do espaço mesclado. Ela pode ser gerada de três maneiras: por composição de projeções dos espaços de entrada; por complementação baseada em *frames* e cenários arrolados independentemente; e por elaboração. Grady, Oakley e Coulson (1999:107) descrevem, de forma resumida, esses três processos, revelando que a composição *refere-se à projeção de conteúdos de cada um dos espaços de entrada dentro do espaço mesclado*, podendo envolver, algumas vezes, a fusão de elementos dos espaços de entrada. Além disso, segundo os autores, as representações que resultam desse processo não são necessariamente realistas. O processo de complementação é, por sua vez, definido pelos autores como *o preenchimento de um modelo no espaço mesclado evocado quando a estrutura projetada dos espaços de entrada corresponde a informações na memória de longo prazo*. Por último, o processo de elaboração é tido como *a representação mental simulada de eventos no espaço mesclado, a qual podemos continuar elaborando indefinidamente* (Grady, Oakley e Coulson, 1999:107).

Fauconnier e Turner (2002:49) acrescentam, ainda, que *as possibilidades criativas da mesclagem conceitual provêm da natureza irrestrita da composição e da elaboração. Elas recrutam e desenvolvem novas estruturas em modos que são fundamentados, mas efetivamente ilimitados*. É pertinente também a questão de que em cada um desses processos existe um potencial para o surgimento de novas estruturas, não passíveis de ser obtidas diretamente dos espaços de entrada.

3.1. Teoria da mesclagem conceitual vs. teoria da metáfora conceitual

Grady, Oakley e Coulson (1999) argumentam que a teoria da mesclagem conceitual compartilha muitos aspectos da teoria da metáfora conceitual. Para os autores, essa relação entre as duas teorias valida o argumento, por eles defendidos, de que ambas são complementares.

Os autores dão suporte a esse argumento explicitando as semelhanças e diferenças entre as duas abordagens. Entre as semelhanças, destacam, por exemplo, os seguintes pontos: tratamento da metáfora como um fenômeno conceitual, ao invés de um fenômeno puramente lingüístico; envolvimento sistemático de projeção da língua, estrutura inferencial e imagética entre domínios conceituais, com restrições na projeção. Já as diferenças começam com diferentes unidades básicas de organização cognitiva, distintas nas duas teorias.

Na teoria da metáfora conceitual, a análise das metáforas é feita, precisamente, mediante relações entre dois domínios conceituais: o domínio fonte e o domínio alvo. Essas relações são tidas como estáveis e sistemáticas, sendo a metáfora um fenômeno estritamente direcional. Já a teoria da mesclagem conceitual tem como unidade básica de organização cognitiva o espaço mental, que não equivale aos domínios conceituais, mas depende deles. Isso porque, segundo os autores, *os espaços representam cenários particulares, os quais são estruturados por domínios dados* (GRADY, OAKLEY e COULSON, 1999:102). Ademais,

enquanto a análise, na primeira teoria, envolve o mapeamento de apenas duas estruturas conceituais, a segunda trabalha com um modelo que envolve, no mínimo, quatro espaços mentais. No entanto, esse mapeamento não se realiza de forma estritamente unidirecional.

Um outro ponto em destaque diz respeito ao fato de que os teóricos da metáfora conceitual envidam esforços na busca de generalizações por meio da análise de uma grande variedade de expressões metafóricas, enquanto os teóricos da mesclagem conceitual têm como foco as particularidades de exemplos individuais. Ao lado desse fato, a metáfora conceitual lida com estruturas estáveis do conhecimento, representadas na memória de longo prazo, ao passo que a mesclagem conceitual busca fazer a modelagem da evolução dinâmica das representações *on-line* dos falantes.

Apesar das diferenças, Grady, Oakley e Coulson, (1999:110) dizem que *se a metáfora conceitual ocupa-se, principalmente, com as associações metafóricas bem estabelecidas entre conceitos, e a teoria da mesclagem conceitual focaliza a habilidade em combinar elementos de conceituações familiares numa nova e significativa conceituação*, isso implica que as metáforas conceituais são, também, estruturas estáveis, acessíveis em potencial, da exploração pelo processo da mesclagem conceitual.

Turner e Fauconnier (2000), tratando sobre a matéria, afirmam que a descrição contemporânea da metáfora tem como foco o mapeamento de estrutura de uma fonte (ou base) para um alvo. Esse mapeamento tanto pode explorar a estrutura esquemática comum entre os domínios (fonte e alvo), como projetar nova estrutura do domínio fonte pra o domínio alvo. Para eles, *o trabalho da teoria da mesclagem conceitual tem sido mostrar que, além desses mapeamentos, existem processos dinâmicos de integração que constroem novos espaços mentais mesclados* (Turner e Fauconnier, 2000:133).

Fauconnier e Turner (1998) estabelecem uma distinção, do ponto de vista teórico, entre as mesclas metafóricas *on-line* e as metáforas básicas, na forma concebida por Lakoff e Johnson (1980, 1999). Assim, dizem os autores que:

metáforas básicas mapeiam domínios conceituais um com o outro num nível de abstração relativamente alto (e.g., TEMPO É ESPAÇO, ou ESTADOS SÃO LOCALIZAÇÕES, ou RAIVA É QUENTE). Nas mesclas metafóricas, as metáforas básicas podem nos dar a motivação conceitual profunda para os alinhamentos entre os espaços de entrada, e portanto para os mapeamentos interespaços. Tipicamente, uma verdadeira mescla metafórica on-line constrói uma estrutura adicional significativa (FAUCCONNIER e TURNER, 1998:279).

O nosso interesse, neste estudo, convergirá para a análise de mesclas metafóricas que se configuram a partir de (re)categorizações metafóricas presentes em textos humorísticos (i.e., piadas). E uma vez que trabalhamos com a hipótese de que essas (re)categorizações podem desencadear o humor em piadas, entendemos que, embora essencial, a simples identificação e mapeamento das metáforas presentes nas (re)categorizações não são suficientes para dar conta do alcance dos objetivos propostos, visto que essa estratégia não abarca todas as inferências necessárias à construção do sentido humorístico nas ocorrências selecionadas para análise. O resgate desse sentido humorístico, na perspectiva de que a referência é construída e não dada *a priori* parece, a nosso ver, melhor viabilizado pela análise complementar, porém mais complexa, propiciada pela teoria da mesclagem conceitual, no que concerne, especificamente, às mesclas metafóricas, já ditas como motivadas por metáforas convencionais. É, aliás, exatamente a estrutura adicional significativa, construída *on-line*, numa rede formada por uma mescla metafórica, que poderá conter a essência mesma do humor. Nesse ponto é que se justifica uma abordagem lingüístico-cognitiva dessas (re)categorizações metafóricas.

Assim sendo, no estudo a que nos propomos, parece-nos pouco provável tratar da superfície do texto humorístico, para efeito da construção do sentido de humor,

desconsiderando o recrutamento dos mecanismos cognitivos subjacentes, que respondem, em grande parte, pelo alcance do propósito comunicativo de fazer rir.

Em suma, em vista de todo o arcabouço teórico até aqui apresentado, trabalharemos sob a perspectiva de que as (re)categorizações metafóricas, no *corpus* selecionado, devem ser tratadas do ponto de vista lingüístico-cognitivo, embora a nossa ênfase recaia, por questões de delimitação do objeto de estudo, nos aspectos cognitivos.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Nos 31 textos constituintes do *corpus*, identificamos, ao todo, 48 ocorrências de (re)categorizações metafóricas. Do total de textos, elegemos 23 para análise, abrangendo 36 ocorrências de (re)categorizações metafóricas. As metáforas que licenciam essas (re)categorizações pertencem todas à classe das metáforas de semelhança (GRADY, 1997), não se registrando nenhuma ocorrência de metáforas correlacionais.

Assim sendo, vejamos as metáforas de semelhança presentes nas (re)categorizações metafóricas selecionadas para análise. Como algumas delas são recorrentes em mais de um texto, apresentaremos uma relação geral das metáforas (coluna esquerda)⁵, citando as expressões metafóricas por elas licenciadas (coluna direita), sem, entretanto, fazer a contextualização das ocorrências, o que faremos, em parte, ao longo da análise.

4.1 Inventário das metáforas

• CASAMENTO É UMA SITUAÇÃO INFELIZ	O casamento é uma catástrofe O casamento é um cativo
• SER HUMANO É UM ANIMAL IRRACIONAL	A mulher é uma vaca A mulher é uma galinha A mulher é uma cadela A mulher é uma pombinha O garoto é um burrinho O presidente é um porco A sogra é uma vaca
• GENITÁLIA É UM MEIO DE TRANSPORTE	A genitália feminina é um trem O pênis é um helicóptero O pênis é uma Ferrari O pênis é um fusquinha Os testículos são pneus Braguilha é uma porta de garagem
• GENITÁLIA É UM SENTIMENTO	O pênis é afeição
• GENITÁLIA É UM OBJETO	A genitália feminina é um cartão de crédito O pênis é um cacete O pênis é uma vara O pênis é um pavio
• SER HUMANO É UM PROBLEMA	A mulher é um problema
• SER HUMANO É UM OBJETO	A mulher bonita é um bolo

⁵ Esclarecemos que a rotulação das metáforas é de caráter intuitivo.

	O homem é um rascunho A mulher é uma obra de arte A mulher feia é uma merda A sogra é uma merda
• SER HUMANO É UM ENTE IMAGINÁRIO	A sogra é uma bruxa
• SER HUMANO É UM COMERCIANTE	A mulher é a maior capitalista de todos os tempos Ela abre o negócio, recebe o bruto, faz o balanço e ainda fica com o líquido
• SOGRA É UMA PESSOA INCÔMODA	Enterro de sogra é uma diversão

As metáforas identificadas no *corpus* permitem uma série de notas sobre as quais, detalhadamente, passaremos a tratar. Em primeiro lugar, chamamos a atenção para o expressivo poder do imaginário humano, por meio do qual é possível realizar associações entre conceitos tão díspares, com a finalidade de construir o efeito cômico, particularmente, nas piadas. A existência desse processo criativo vai de encontro à visão tradicional sobre a natureza dos conceitos e, por extensão, à clássica concepção de referência. Ademais, como pensar a língua sob uma visão especular da realidade quando o propósito comunicativo de um interlocutor (no caso, humorístico) permite construções em que, por exemplo, os objetos de discurso “mulher” e “sogra” são (re)categorizados, respectivamente, como “galinha” e “bruxa”, conforme se verifica nos textos (1) e (2)?

(1) *Pai, eu nasci de um ovo?*

- Claro que não, Juquinha! Por quê?

- É que quando eu subi no elevador um homem falou para o outro: “Esse aí é o filho daquela galinha do sexto andar”. (Sarrumor, 2000:181)

(2) *Um amigo conta pro outro:*

- Minha sogra caiu do céu!

- Ela é maneira assim mesmo?

- Não, a vassoura quebrou quando voava sobre a minha casa. (Piadas Seleccionadas, 2003:10)

As mais diversas possibilidades de associações metafóricas entre conceitos, existentes no nosso sistema conceitual, contrariam, sobremaneira, a concepção de língua como sistema de etiquetas, que não comporta a inserção de um sujeito sócio-cognitivo. Nesse sentido, são claras as evidências de que a categorização e a *referenciação* precisam ser tratadas como processos dinâmicos, no interior das práticas discursivas. Não fosse assim, seria impossível, por exemplo, a construção do efeito cômico nas piadas que constituem o *corpus* deste estudo.

A identificação de 48 ocorrências de (re)categorizações metafóricas, num universo de 31 piadas, pode indicar uma comprovação de que a metáfora não é simplesmente uma figura de retórica, geralmente usada como adorno em discursos poéticos, como ditam os estudos tradicionais. Ao contrário, a realização dessas ocorrências, em textos humorísticos, tipicamente coloquiais, mostra a sua generalização no sistema conceitual humano, ratificando a proposição de que a metáfora faz parte do cotidiano e está presente em nossas ações e

pensamentos diários, podendo ser expressa na linguagem comum (LAKOFF e JOHNSON, 1980), e não apenas na linguagem figurada.

Muitas das ocorrências identificadas são construídas com base em valores e crenças arraigados na cultura na qual são produzidas as piadas, como era de se esperar, uma vez que trabalhamos com a concepção de sujeito sócio-cognitivo. Como exemplo, podemos destacar as expressões metafóricas “a mulher é uma galinha” e “o garoto (filho de português) é um burrinho”. A primeira expressão, ilustrada pelo texto (1), carrega a forte marca da cultura machista, inserida numa sociedade tipicamente monogâmica, na qual somente ao homem é permitida a infidelidade, de modo que a (re)categorização metafórica de mulher como galinha é, portanto, uma depreciação do sexo feminino⁶. A segunda expressão, ilustrada pelo texto (3), é, por sua vez, marcada pelo preconceito vigente contra a nação portuguesa, comumente rotulada como idiota, resquício, talvez, da relação entre colonizador (Portugal) e colonizado (Brasil).

- (3) *Aí, no outro dia, é o carro do Manuel que enguiça e ele vai com seu filho caçula no mecânico. Após verificar o motor do velho carro, o mecânico diz:*
 - *O problema está no freio. Eu vou ter que mexer no burrinho.*
O Manuel puxa o garoto para trás e se altera:
 - *Não, senhoire! No garoto, ninguém mexe!* (SARRUMOR, 1998:73)

Embora tais expressões sejam mesmo altamente preconceituosas e ofensivas, como estão inseridas num discurso humorístico, a carga semântica depreciativa é atenuada pelo propósito comunicativo de fazer rir. A mesma análise é extensiva aos exemplos “a mulher é uma vaca” e “a sogra é uma bruxa”, metáforas em que também prevalecem a depreciação do papel da mulher e um forte estigma à figura da sogra, via de regra considerada, pelo sexo masculino, como *persona non grata* e, por essa razão, tratada de forma pejorativa. Esse tratamento, algumas vezes, beira o “humor negro”, como em expressões metafóricas do tipo “O enterro de sogra é uma diversão”, presente no texto (4). Interessante notar, neste caso, a prevalência da dificultosa relação entre genro e sogra, quando, na realidade, essa mesma relação difícil é muito mais comum entre nora e sogra. No entanto, na cultura humorística, é a relação entre genro e sogra que ganha relevo, o que se dá em razão de ser, tal postura, mais um traço da cultura machista de nossa sociedade.

- (4) *O cara chega pro amigo e fala:*
 - *Minha sogra morreu e agora fiquei em dívida, não sei se vou trabalhar ou se vou pro enterro dela ... O que é que você acha?*
E o amigo:
 - *Primeiro o trabalho, depois a diversão!* (Piadas Seleccionadas, 2003:25)

O modelo de sociedade machista está presente, também, em outras expressões metafóricas que fazem apologia à virilidade. É o caso das (re)categorizações metafóricas usadas em referência ao órgão sexual masculino, tais como “o pênis é um cacete” e “o pênis é uma vara”, expressas, respectivamente, nos textos (5) e (6).

- (5) *O Juquinha está passeando com a sua cachorrinha no parque, quando ela resolve fazer xixi bem diante da porta de uma guarita.*
Ao ver aquilo, o guarda fica furioso e adverte:

⁶ Já é possível observar uma evolução quanto ao emprego dessa metáfora, estendendo-se o seu uso para o sexo masculino (o homem é galinha). Entretanto, para o sexo masculino, tal conceituação não é tão depreciativa quanto para o sexo feminino, porque, nesse caso, quase sempre é entendida como uma exaltação da virilidade.

- *A próxima vez que a sua cachorra fizer isso, vou meter o cacete nela!*
 - *Beleza, seu guarda! Eu sempre quis ter um cachorro policial! (Sarrumor, 2000:141)*

- (6) *Conversam um alemão, um americano e um brasileiro sobre esportes olímpicos. Diz o alemão:*
 - *Com uma vara de três metros, eu pulo três metros e oitenta!*
O americano não quer ficar atrás:
 - *Pois eu, com uma vara do mesmo tamanho, cubro três metros e noventa!*
O brasileiro não deixa por menos:
 - *Pois fiquem sabendo que, com uma vara de dezoito centímetros, eu como uma morenona de um metro e oitenta! (Sarrumor, 1998:167)*

Por outro lado, as (re)categorizações metafóricas que dizem respeito ao órgão sexual feminino, do tipo “a genitália feminina é um cartão de crédito”, no texto (7), mostram a condição inferior e discriminatória como é tratada a mulher. Essa condição é extensiva a outras expressões já comentadas, licenciadas pela metáfora SER HUMANO É UM ANIMAL.

- (7) *Mas nem todo marido é tão ingênuo como o seu Galhardo...*
A mulher do sujeito andava muito estranha: um dia, chega em casa com uma jóia caríssima! Num outro dia, aparece com um perfume francês, da melhor marca! E vestido novo, e anel de brilhante... o marido só de butuca! Um dia, ele a encosta na parede:
 - *Eu quero saber como é que a senhora faz pra conseguir tanta coisa cara! Eu exijo uma explicação!*
 - *Calma, amor!... é que... bem, é que eu compro tudo no cartão de crédito!*
Nesse mesmo dia, a mulher está tomando banho, a água do chuveiro acaba bem na hora em que ela está toda ensaboada. Ela chama o marido:
 - *Amor, traz um balde com água pra eu terminar meu banho?...*
Daí a pouco ele volta com uma canequinha de água. A mulher chia:
 - *O que é isso, amor? Só esse tantinho de água não dá!*
 - *Lava só o cartão de crédito!... (Sarrumor, 1999:93)*

Apesar dessa realidade discriminatória do sexo feminino, há, *no corpus*, duas ocorrências de (re)categorizações metafóricas que invertem a situação. Trata-se das expressões “a mulher é uma obra prima” e “o homem é um rascunho”, conforme mostra o texto abaixo:

- (8) *Por que Deus fez primeiro o homem e depois a mulher?*
Porque para se fazer uma obra-prima necessita-se sempre de um rascunho (AVIZ, 2001:79).

Dentre as ocorrências analisadas, podemos observar que a maioria parece ser motivada por estruturas já estabilizadas no nosso sistema conceitual. Supomos que a universalidade do acesso ao gênero piada, que independe de classe social ou de nível de escolarização, a constante exposição a textos anedóticos e as suas conseqüentes repetições facilitam a estabilização dos *frames* criados com o propósito humorístico, os quais, não podemos esquecer, estão intimamente relacionados às crenças e aos valores culturais. Dessa forma, a nosso ver, podem ser consideradas como motivadas por estruturas conceituais estáveis, por exemplo, as cinco primeiras ocorrências citadas e, ainda, outras do tipo “o pênis é um cacete”,

“o casamento é uma catástrofe” e “o presidente é um porco”. Entretanto, há uma outra parte de ocorrências que parece ser motivada por estruturas conceituais novas, ainda não-estabilizadas, que emergem no momento da enunciação, com a construção do significado dessas ocorrências só sendo possível em razão do contexto em que se inserem. É o que podemos observar no texto (9), em que a ocorrência “o pênis é um helicóptero” emerge como uma construção nova, criada no instante da enunciação, totalmente dependente do co(n)texto, já que não é nada comum a associação entre os conceitos genitália masculina e helicóptero, conforme se apresenta no referido texto. Porém, como as categorias são abertas, é perfeitamente possível essa (re)categorização, atendendo ao propósito comunicativo de criar uma situação cômica.

(9) *Um antropólogo vai visitar uma aldeia no meio da floresta amazônica.*

- *Como você chegou até aqui? – pergunta-lhe uma índia, curiosa.*

- *Eu vim de helicóptero!*

- *Helicóptero?! O que é isso?*

Ele tenta explicar de uma maneira bem simples:

- *É um negócio que levanta sozinho...*

Ah! Eu sei...meu marido tem um helicóptero enorme! (Sarrumor, 2000:17

No texto (10), há o mesmo tipo de situação, pois a genitália masculina é (re)categorizada como outro meio de transporte, o carro. O interessante é que, nesse caso, as (re)categorizações metafóricas não são feitas no nível básico da categoria (carro), mas no nível subordinado (*Ferrari* e *fusquinha*), uma estratégia que, certamente, depura ainda mais o humor desencadeado por essas (re)categorizações. Com efeito, o autor usa o contraste das duas marcas de carro, com relação ao *status* conferido aos seus usuários, para tratar de forma jocosa o desempenho sexual do chefe, implicitamente considerado, pela secretária, como desfavorável, ao (re)categorizar a genitália do chefe como um *fusquinha* desbotado.

(10) *A secretária nota que o chefe está com o zíper da calça aberto e, sem jeito, tenta lhe dar a notícia:*

- *Doutor, o senhor esqueceu a porta da sua garagem aberta!*

Ele fecha rapidamente a braguilha e diz com a voz cheia de malícia:

- *Por acaso a senhora viu a minha Ferrari vermelha?*

- *Não senhor! Tudo que eu vi foi um fusquinha desbotado e com os pneus dianteiros totalmente murchos! (Sarrumor, 2000:187)*

A crítica aos políticos não poderia deixar de estar presente no universo do humor. A ocorrência “o presidente é um porco” é ilustrativa dessa situação. No texto (11), a (re)categorização metafórica de presidente como porco denota o baixo conceito dos políticos junto aos seus governados.

(11) *O presidente e seu chofer passam por uma estrada quando, subitamente, atropelam um porco, matando-o instantaneamente. O presidente diz a seu motorista que vá até a fazenda explicar o ocorrido ao dono do animal.*

Uma hora mais tarde, o presidente vê o seu chofer voltar cambaleando, com um cigarro na mão e uma garrafa de uísque “primeira linha” na outra, além de estar com a roupa toda amarrotada.

- *O que aconteceu? – pergunta o mandatário.*

O motorista conta:

- *Não sei... O fazendeiro me deu bebida importada, cigarro, me ofereceu sua mulher e sua linda filha de dezoito anos, que fizeram amor comigo enlouquecidamente!*

- *Nossa! Mas, afinal o que você disse para eles?*

- *Sou o motorista do presidente e acabo de matar o porco!* (SARRUMOR, 2000:9)

Feitas essas considerações, procederemos à aplicação do modelo da teoria da mesclagem conceitual a uma das ocorrências de (re)categorização metafórica constituintes do corpus, a fim de que possamos explicitar como se dá a construção da inferência que desencadeia o humor no caso em apreciação.

4.2 Aplicação do modelo da teoria da mesclagem conceitual

Em (11), podemos constatar que a comicidade é desencadeada pela (re)categorização metafórica de presidente como porco, segundo a qual podemos inferir que os políticos (presidente está sendo tomado nesta acepção) são considerados como pessoas sem pudor, sujas por assim dizer. Esses traços são compartilhados com o animal porco, símbolo da sujeira física e da falta de escrúpulo quanto à seleção do que ingere como alimento, não desperdiçando nem mesmo os excrementos humanos. O modelo da teoria da mesclagem conceitual permite uma simulação de como se constrói essa inferência, ou, usando a terminologia do modelo, como o sentido dessa mescla metafórica (i.e., o presidente como porco) é capturado em toda a sua extensão.

Vejamos a representação da referida mescla metafórica no diagrama a seguir.

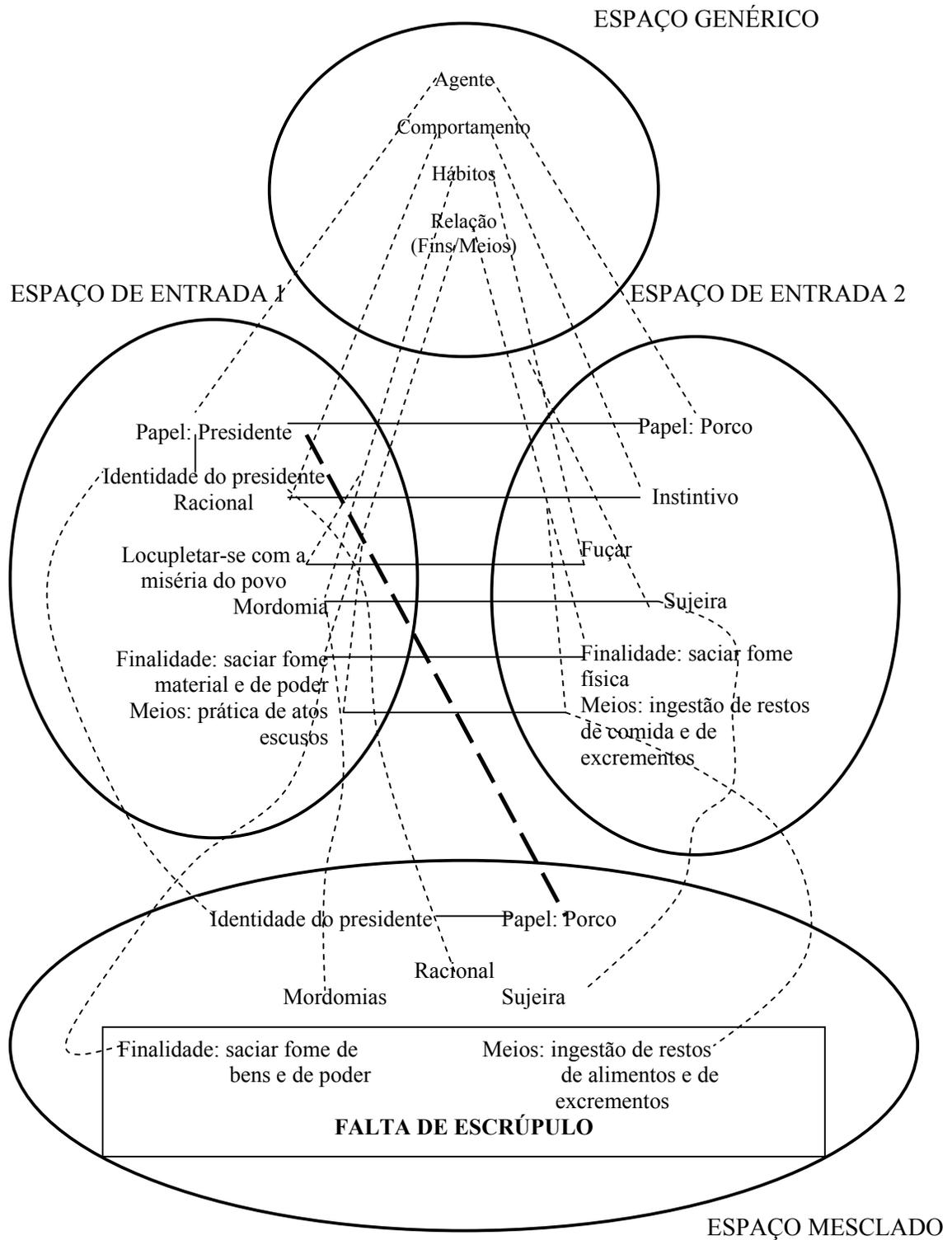


Figura 2: Rede de integração conceitual: presidente como porco

Temos, a princípio, dois espaços mentais de entrada, formados, respectivamente, pelo domínio do presidente (alvo) e pelo domínio do porco (fonte). A simples projeção direta da informação do domínio fonte (porco) para o domínio alvo (presidente), conduzida por uma série fixada de mapeamentos de contraparte, dentre eles, o de porco para presidente, o de animal para político e o de instintivo para racional, não é o bastante para dar conta do elemento principal de interpretação do sentido dessa mescla metafórica, ou seja, que o presidente é inescrupuloso.

Assim sendo, segundo o modelo da teoria da mesclagem conceitual, é somente no espaço mesclado que o sentido dessa mescla metafórica é capturado. Antes, porém, da formação desse espaço, o modelo apresenta um terceiro espaço, o espaço genérico, formado pela estrutura compartilhada pelos espaços de entrada. No caso analisado, tal estrutura consiste no conjunto de comportamentos e hábitos que proporcionam a satisfação de uma necessidade, conforme podemos verificar pela ilustração da figura 2, na qual as linhas pontilhadas representam as projeções entre os espaços da rede.

O espaço mesclado é formado por elementos provenientes de cada um dos espaços de entrada. Assim sendo, herda elementos do espaço do domínio do presidente, tais como a identidade da pessoa que está exercendo o mandato de presidente e detalhes do comportamento da pessoa na representação do papel político. Ao mesmo tempo, herda também elementos do domínio do porco como, por exemplo, o papel de animal irracional e os hábitos do porco. Dessa forma, o espaço mesclado, ao herdar a estrutura parcial de cada espaço de entrada, desenvolve um conteúdo emergente de si próprio, que resulta na justaposição dos elementos provenientes dos respectivos espaços de entrada.

Ora, pelos princípios constitutivos da teoria, o desenvolvimento da estrutura emergente, no espaço mesclado, envolve três processos básicos: composição, complementação e elaboração. No primeiro, temos a projeção de conteúdos dos espaços de entrada para o espaço mesclado, valendo destacar que, algumas vezes, o processo de composição funde os elementos dos espaços de entrada, como, por exemplo, a associação de um único indivíduo (identidade do presidente) com o presidente do espaço de entrada 1 e com o porco do espaço de entrada 2. O processo de complementação ocorre, por sua vez, quando a estrutura projetada dos espaços de entrada corresponde a informações da memória de longo-termo. Por exemplo, ao se projetar mentalmente um porco alimentando-se de lavagem e excrementos, introduz-se a noção de falta de escrúpulo na cena, informação esta contida na memória de longo-termo. O entendimento global do cenário realiza-se pela introdução de novos traços do indivíduo (presidente), por meio da justaposição dos elementos dos espaços de entrada.

No exemplo analisado, verifica-se que a relação meio-fim, projetada no espaço do porco, é incompatível com a relação meio-fim do espaço do presidente. Entende-se que o objetivo do animal, que age por instinto, é a busca de alimentos para saciar a fome física, enquanto o do presidente (político), que age racionalmente, é saciar a sua fome de bens materiais e de poder. No espaço mesclado, os meios do porco são combinados com os fins, a identidade e o contexto do espaço do presidente. A incongruência que então se estabelece entre os meios do animal com os fins do político conduz a uma emergente inferência de que o porco é sem escrúpulo, de onde provém o sentido da mescla metafórica presidente como porco. Ou seja, o presidente é inescrupuloso em suas ações como político.

Finalmente, pelo processo de elaboração, realiza-se a simulação mental dos eventos do espaço mesclado, a partir do processamento da estrutura emergente. No caso, a simulação poderia ser proveniente da imagem de um presidente devorando grotescamente restos de alimentos e excrementos ou de qualquer outro cenário dentro das conexões estabelecidas pela rede, de forma que as possibilidades são ilimitadas.

Concluída a última fase de análise deste estudo, cremos que a aplicação do modelo da teoria da mesclagem conceitual ora realizada, para melhor explicitar a construção do sentido

da (re)categorização metafórica em análise, possibilitou, mesmo por amostragem, a visualização dos mecanismos cognitivos que operam na subjacência do processo referido. Ou seja, os mecanismos processados inconscientemente na construção dos sentidos das ocorrências são simulados pelo modelo da mesclagem conceitual, que assim viabiliza a consciência de tais processos, permitindo trazer à tona uma riqueza de detalhes que se dão na construção dos sentidos. Não se pode, portanto, fechar os olhos para o fato de que a explicitação desses mecanismos cognitivos ajuda não só a uma melhor compreensão do sentido das (re)categorizações metafóricas mas, sobretudo, insere o componente cognitivo na análise do tipo de ocorrência lingüística tratado, dando maior clareza ao fenômeno.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigamos, neste estudo, o fenômeno do humor a partir da ocorrência de (re)categorizações metafóricas em textos humorísticos do gênero piada. Optamos por uma abordagem lingüístico-cognitiva desse processo, tendo em vista o entendimento de que o estudo das (re)categorizações metafóricas, hipoteticamente consideradas como gatilho para o humor, se realizado apenas no nível da superfície textual, não seria suficiente para dar conta da efetiva construção dos sentidos de humor.

Na análise qualitativa dos dados, em que avaliamos o papel das (re)categorizações metafóricas como mecanismos lingüístico-cognitivos desencadeadores da comicidade na piada, constatamos que as metáforas de semelhança são o tipo predominante na construção das ocorrências analisadas. Nesse aspecto, conforme se pronuncia Grady (1999), precisamos considerar a natureza quase ilimitada desse tipo de metáfora, motivada pelo grande poder do imaginário humano para aplicar semelhança entre objetos totalmente díspares, consoante vimos em grande parte das ocorrências do *corpus*.

Finalmente, no que diz respeito à aplicação do modelo da teoria da mesclagem conceitual, cremos que, apesar da restrição da amostra, a ocorrência analisada se afigura como significativamente representativa para a compreensão do processamento do modelo, demonstrando sua exequibilidade para explicitação dos mecanismos cognitivos pelos quais se constroem as inferências subjacentes às (re)categorizações metafóricas, responsáveis pela construção do efeito cômico.

REFERÊNCIAS

- APOTHÉLOZ D., REICHLER-BÉGUELIN, M. J. Construction de la référence et stratégies de désignation. In: BERRENDONNER & REICHLER-BÉGUELIN, M-J. (eds.). **Du syntagme nominal aux objets-de-discours**: SN complexes, nominalizations, anaphores. Neuchâtel: Institute de linguistique de l'Université de Neuchâtel, 1995, p. 227-71.
- AVIZ, L. M. de M. **As melhores piadas que circulam na internet e as que ainda vão circular**. 4 ed. Rio de Janeiro: Record: 2001.
- FAUCONNIER, G., TURNER, M. Principles of conceptual integration. In: Koenig, Jean-Pierre (ed.). **Discourse and cognition**. Standford: Center for the Study of Language and Information, 1998.

- _____. **The way we thing:** conceptual blending and the mind's hidden complexities. New York: Basic Books, 2002.
- GRADY, J. **Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes.** Berkeley: University of California, Berkeley, 1997. PhD Dissertation.
- GRADY, J., OAKLEY, T., COULSON, S. Blending and metaphor. In: G. Steen & R. Gibbs (eds.). **Metaphor in cognitive linguistics.** Philadelphia: John Benjamins, 1999, p.101-124.
- KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto.** São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. The contemporary theory of metaphor. In: Ortony, Andrew (ed.), **Metaphor and thought**, 2 ed. Cambridge, U.K.: Cambridge University Press, 1993, p. 202-251.
- LAKOFF, G., JOHNSON, M. **Metaphors we live by.** Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- LAKOFF, G., JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh:** the embodied mind and its challenge to western thought. New York: Basic Books, 1999.
- LIMA, S. M. C. de. **(Re)categorização metafórica e humor:** trabalhando a construção dos sentidos. Fortaleza, 2003. 171f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – UFC.
- MONDADA, L., DUBOIS, D. Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référentiation. **TRANEL (Travaux neuchâtelois de Linguistique)**, n° 23, 1995, p. 273-302.
- PIADAS DO GERALDO MAGELA. São Paulo: Nova Sampa, n° 1, 2003.
- PIADAS SELECIONADAS. São Paulo: Escala, Ano 3, n° 17, 2003.
- SARRUMOR, L. **Mil piadas do Brasil.** Nova Alexandria: São Paulo, 1998.
- _____. **Mais mil piadas do Brasil.** São Paulo: Nova Alexandria, 1999.
- _____. **Ainda mais mil piadas do Brasil.** São Paulo: Nova Alexandria, 2000.
- SELEÇÃO DE PIADAS. São Paulo: Escala, n° 17, 2002.
- STEENBERG, M. Introduction to semiotics (conceptual) metaphor theory, 2000. Disponível em <<http://hum.au.dk/semiotics>>, com acesso em 10/06/2003.
- TURNER, M., FAUCONNIER, G. Metaphor, metonymy, and binding. In: **Metonymy and metaphor.** Berlin and New York: Walter de Gruyter, 2000, p. 133-145.